


Duas exposições, dois objetivos. A participação do Império do Brasil nas exposições da Filadélfia (1876) e de Buenos Aires (1882)¹

Two exhibitions, two objectives. The participation of the Empire of Brazil in the exhibitions in Philadelphia (1876) and Buenos Aires (1882)

Marcus Vinicius Kelli

 <https://orcid.org/0000-0001-8751-954>
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Principal item de exportação em boa parte do século XIX, o café desempenhou também expressivo papel na definição da participação do Império do Brasil nos grandes *meetings* que se realizaram durante o período. Visando ampliar o espaço de venda da sua principal commodity, a estratégia utilizada foi marcar presença nos grandes eventos sediados nas principais cidades do mundo. Contudo, o empenho depreendido não foi o mesmo para todos os eventos, o que pode ser constatado quando cotejamos a presença brasileira na Exposição Internacional da Filadélfia, de 1876 em comparação com a Exposición Continental de Buenos Aires, de 1882. Comparando os gastos envolvidos para o envio da delegação, o número de expositores e seus respectivos produtos, é possível verificar um maior esforço para o evento em terras norte-americanas. O motivo para esta diferença residia no nível de consumo do café brasileiro nos Estados Unidos e na Argentina. Se os primeiros respondiam pela maior fatia de importação à época, os últimos eram insignificantes para nossas vendas. Assim, por intermédio da bibliografia dedicada à temática, dos catálogos confeccionados e do movimento nas alfândegas, mostraremos a importância do produto para a geração de receita e como o mesmo vai inserir o país na dinâmica do capitalismo que se desenha ao fim do século XIX.

Palavras-chave: Exposições internacionais. Brasil. Café.

Abstract: Main export item in much of the 19th century, coffee also played an important role in defining the participation of the Empire of Brazil in the great meetings that took place during the period. In order to expand the sales space of its main commodity, the strategy used was to be present at major events hosted in the main cities in the world. However, the perceived commitment was not the same for all events, which can be seen when relating the Brazilian presence at the 1876 Philadelphia International Exhibition, in comparison with the 1882 Continental Exposition in Buenos Aires. Comparing the expenses involved in sending the delegation, the number of exhibitors and their respective products, it is possible to verify a greater effort for the event in North American lands. The reason for this difference was the level of consumption of Brazilian coffee in the United States and Argentina. If the former accounted for the largest share of imports at the time, the latter was insignificant for our sales. Thus, through the bibliography dedicated to the theme, the catalogs made and the movement in customs, we will show the importance of the product for the generation of revenue, and how it will insert the country in the dynamics of capitalism that was drawn at the end of the 19th century.

Keywords: Universal Exhibitions. Empire of Brazil. Coffee.

Ver e ser visto: as Exposições Universais

As exposições universais ocuparam lugar de grande destaque no decorrer da segunda



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ O presente trabalho é uma adaptação do quarto capítulo da tese intitulada *Circulando pelo Rio de Janeiro: infraestrutura, consumo e produção de veículos de tração animal (1808-c.1880)*, defendida em agosto de 2018 no Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de História (UFRJ). A pesquisa contou com auxílio financeiro da Capes.

metade do século XIX. Compreendo-as como espaços múltiplos, pois além de entretenimento para a população do país que as sediava, elas também revelavam o grau de desenvolvimento tecnológico e econômico de cada um dos convidados presentes. Assim, nesta confraternização da riqueza, civilização e progresso, o Brasil marcou presença em função dos interesses do seu principal setor econômico à época, o agrário, em especial, o cafeeiro.

Desta maneira, pela perspectiva apontada, o Império do Brasil participou do *concerto das nações* como um coadjuvante, já que nossa pauta de exportação carecia de itens importantes para o funcionamento das máquinas, símbolos de uma nova fase na economia. Para contornar esta deficiência, o país procurou reforçar sua imagem com o que de melhor produzia: café e ornamentos (penas e madeiras). Se, por um lado, tais elementos ofereceram certa singularidade, por outro lado revelavam claramente a deficiência tecnológica vivenciada por sua sociedade.

Entre os anos de 1851 e 1893², cidades como Londres, Paris, Viena, Filadélfia e Chicago concentraram as atenções do globo por alguns meses. Marcados pela exuberância de suas acomodações e pela presença do grande público, que em sua grande maioria não possuía a menor ideia do que se produzia mundo afora, tais encontros se tornaram grandes vitrines do capitalismo e do consumo do que havia de mais inovador na produção de certos países participantes. Refletindo sobre este momento, Francisco Foot Hardman faz o seguinte comentário:

Tais exposições significaram também uma das primeiras amostras bem-sucedidas de cultura de massa com a montagem de espetáculos populares em que se alternam fascinantemente o mistério de territórios exóticos, a magia das artes mecânicas – de suas criaturas que se põem em movimento –, os símbolos do orgulho nacional e da adoração à pátria, o simples desejo de entretenimento e, sobretudo, o transe lúdico do fetiche-mercadoria (HARDMAN, 2005, p. 63)

Portanto, podemos compreender esses encontros como um grande sistema composto por objetos e imagens que visavam, ao mesmo tempo, estimular a apreciação visual dos visitantes e exibir de maneira direta ou indireta o poderio das delegações convidadas. Para que este espetáculo ganhasse vida, a presença de dois grupos era essencial: os visitantes e os Estados, aqui representados por seus inventores, industriais e/ou agricultores.

Em relação aos visitantes, o consumo representava apenas um dos efeitos desencadeados pelos eventos – afinal, a função principal seria proporcionar “a absorção de uma nova perspectiva do mundo, a qual se convencionou de modernidade, [o que] passava pelo exercício da observação visual das coisas materiais” (BARBUY, 2006, p. 78). Na sequência, o que era visto em seus pavilhões se difundia por meio dos comerciantes, chegando, eventualmente, a atingir outros segmentos com os quais tais desenvolvimentos se interseccionassem. Por tudo isso, o trabalho de produção envolvido nas exposições não seria tido como desprezioso, pois buscava torná-las festas grandiosas com o intuito de arregimentar um número cada vez maior de participantes e de visitantes.

Em Londres, no ano de 1851, o Palácio de Cristal – construído especialmente para *The Great Exhibiton of the Works of Industry of All Nations* – recebeu mais de 13 mil expositores e 6 milhões de visitantes. Apenas vinte e cinco anos mais tarde, na cidade da Filadélfia, os Estados Unidos sediaram o primeiro evento fora do continente europeu e, para comemorar o centenário de sua independência, contabilizaram 60 mil expositores que enviaram seus produtos para Fairmouth Park, e cerca de 10 milhões de visitantes circularam por suas dependências (PLUM, 1979, p. 61).

Para o grupo de representantes dos Estados, todos os esforços eram empregados para assegurar um lugar de destaque tanto na organização como na apresentação dos variados itens enviados por seus expositores. Logo, o sucesso ou a indiferença dos seus itens perante especialistas e público adquiriam, para os expositores, um status de êxito ou malogro, ao mesmo

² Não foram mencionadas as exposições ocorridas no decorrer do século XX pelo fato de não contemplarem o período do nosso corte temporal.

tempo particular e coletivo. Como salienta Werner Plum, os “fracassos de determinados ramos da indústria ou o desempenho desfavorável de uma nação participante da mostra, costumava ser equiparada a derrotas nacionais” (PLUM, 1979, p. 107).

O maquinário que ocupava as instalações despertava admiração nos expectadores, mas também a concorrência entre os diversos fabricantes. Ainda que existisse uma competição velada entre as nações presentes, o ambiente festivo atenuava, de certa maneira, o surgimento de possíveis tensões entre os envolvidos. Como destaca Francisco Foot Hardman, ausentes de violência, as apresentações acabaram por se tornar “uma forma de sublimação dos conflitos entre os Estados modernos do século XIX” (HARDMAN, 2005, p. 75).

Porém, nem tudo representava inovação. Os encontros também foram responsáveis por explicitarem as diferenças entre o centro e a periferia da economia internacional. Afinal, enquanto alguns países demonstravam seus avanços tecnológicos, outros reforçavam a sua vocação para o setor primário – sendo aqui a Argentina, o Uruguai e o Brasil bons exemplos dessa categoria de atores. Em se tratando de produtos oriundos da fauna e da flora, nosso país já possuía experiência anterior ao fenômeno dos grandes espetáculos. A procura por penas, utilizadas largamente em leques, chapéus e como adorno nos penteados femininos, foi responsável por inseri-lo no rico e exclusivo circuito da moda europeu. A respeito do tema, Maria Cristina Volpi ressalta que

Entre os séculos XVI e XVIII, os artefatos produzidos pelos índios brasileiros circularam nas esferas mais exclusivas da aristocracia e da alta burguesia, aparecendo nos gabinetes de curiosidade e sendo trocados entre estudiosos que visitavam tais espaços, como também por comerciantes marítimos³. (VOLPI, 2016, p. 131)

Contudo, ainda que oferecesse ao mundo *commodities* e manufaturas, a participação do Brasil estava limitada ao segundo plano, a um conjunto de economias localizadas na periferia da economia internacional. Posição diferente desfrutavam ingleses, franceses, alemães ou norte-americanos, estados para os quais os encontros possuíam um caráter competitivo em função do expansionismo vivido pelo capitalismo no último quartel oitocentista.

A Exposição da Filadélfia e sua importância para os negócios do Império do Brasil

Nação emergente ao fim do século XIX, os Estados Unidos, como mencionado acima, sediou a primeira exposição universal fora do continente europeu, um fato significativo para a época. A escolha do ano, 1876, marcava a comemoração do centenário da independência, e também a reorganização econômica, principalmente do Norte, após a Guerra da Secessão (1861-1865). O apetite norte-americano por um protagonismo na nova ordem mundial, que se desenhava a partir dos adventos da Segunda Revolução Industrial, foi altamente benéfico para o Império do Brasil. Ao que parece, a frase “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil” cai muito bem aqui. E o produto que permitiu a conexão entre os dois países foi o café.

O crescimento do consumo da *commodity* ocorreu, podemos dizer, em duas etapas distintas. No que diz respeito à cronologia, a leitura de *Coffee as Social Drug*, escrita por Steven Topik, oferece um bom panorama sobre o tema. Como destaca o autor:

O preço do café caiu de dezoito xelins por libra em 1683 para um xelim em 1783. Os preços mais baixos expandiram a demanda. A política do governo ajudou ainda mais a transformação, à medida que os impostos de importação sobre os grãos foram reduzidos e abolidos em 1832. Isso fez parte da política do presidente Andrew Jackson em favor do trabalhador e em oposição às altas tarifas. Em função desse contexto, o café iniciou a sua massificação no interior da

³ Texto original: “Between the sixteenth and eighteenth centuries, material artifacts produced by Brazilian Indians circulated in the most exclusive spheres of the aristocracy and haute bourgeoisie, appearing in cabinets of curiosities and being exchanged between scholars who visited natural-history cabinets and shipping merchants and traders who dealt with overseas trade”. Tradução livre.

sociedade norte americana⁴. (TOPIK, 2009, p. 95)

A popularização da bebida foi, sem sombra de dúvidas, o principal elemento para incrementar as vendas. Se, em um primeiro momento, o seu consumo ficou restrito aos círculos intelectuais dos séculos XVII e XVIII, foi no decorrer das décadas oitocentistas que a sua ingestão adquiriu novos atributos e segmentos sociais (VITTORETTO, 2010, p. 70).

A crescente integração dos mercados, promovida pelos avanços nos meios de comunicação e transportes, incentivava a produção e a circulação de manufaturas e *commodities* em novos ritmos. Para manter ativa esta dinâmica, era crucial a existência de uma massa de homens e mulheres trabalhando por longas e árduas jornadas diárias. A expressão *Time is Money* sintetiza muito bem o momento em questão. Se o cronômetro era o instrumento responsável por manter o ritmo constante dos empregados, coube ao café mantê-los bem dispostos para o cotidiano das oficinas e fábricas.

Para as lideranças políticas, intelectuais ou financeiras o mundo moderno poderia ser compreendido pela relação entre a expansão das cidades e a progressiva complexificação das indústrias. Assim, o contingente populacional, oriundo em grande parte dos campos, ocupava os postos de trabalho que surgiam e também era o responsável por incrementar as taxas de consumo nos centros urbanos. Como consequência deste quadro, o abastecimento alimentar demandou ritmos e volumes crescentes em função da expansão demográfica. Analisando a relação entre trabalho e alimentação, Topik faz a seguinte colocação sobre um importante item da dieta dos trabalhadores:

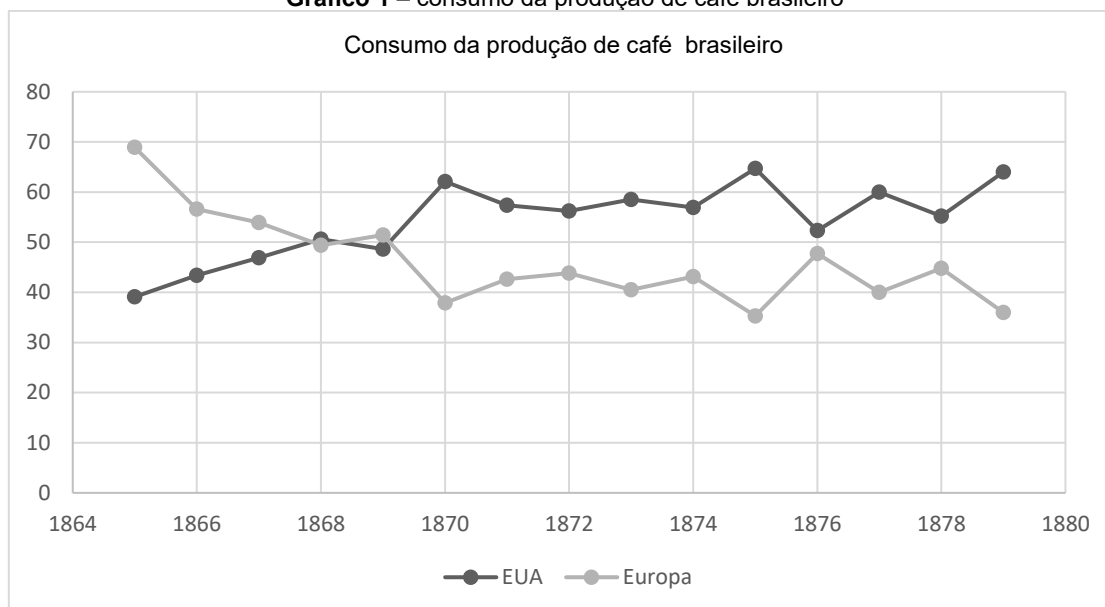
O consumo per capita norte-americano quase dobrou entre as décadas de 1880 e 1920, atingindo dezesseis libras per capita. O crescimento das cidades e fábricas acelerou essa tendência. Já não era mais a bebida da contemplação espiritual, do comércio ou do lazer, o café tornou-se o despertador que marcou o tempo da indústria. As importações de café por parte dos norte-americanos aumentaram quase noventa vezes no século XIX⁵. (TOPIK, 2009, p. 98)

O autor não menciona a procedência dos grãos consumidos pelos estadunidenses, mas sabemos que o seu fornecedor era o Brasil. Todavia, no período que antecede o arco temporal supracitado, o destino das nossas exportações possuía outro destino.

⁴ Texto original: "The price of coffee fell from eighteen shillings per pound in 1683 to one shilling in 1783. Lower prices expanded demand. Government policy further aided the transformation as import taxes on the beans were lowered and then abolished in 1832. This was part of President Andrew Jackson's politics in favor of the working man and opposed to high tariffs. Coffee began to become a mass drink". Tradução livre.

⁵ Texto original: "North American per capita consumption almost doubled between 1880 and 1920, to sixteen pounds per capita. The growth of cities and factories accelerated the trend. No longer primarily the beverage of spiritual contemplation, commerce, or leisure, coffee became the alarm clock that marked industrial time. North Americans' coffee imports swelled almost ninety-fold in the nineteenth century". Tradução livre.

Gráfico 1 – consumo da produção de café brasileiro



Fonte: TAUNAY, 1950, p. 254.

O gráfico apresenta dois movimentos que merecem nossa atenção. O primeiro está relacionado com o destino das nossas exportações. Os mercados do hemisfério norte foram os responsáveis por absorverem praticamente toda a produção oriunda das fazendas brasileiras. O curioso é que os percentuais oscilavam de maneira complementar, ou seja, se um mercado apresentava queda, a outra parte apresentava alta; nunca apresentaram a mesma trajetória, fosse ela de alta ou de baixa. Esta compensação foi, seguramente, importante para manter a estabilidade das receitas do Império.

O segundo movimento está concentrado na década de 1860. Entre os anos indicados, verifica-se uma tendência crescente que é levemente interrompida em 1869, mas que, a partir de então, retoma fortemente sua ascensão. Sabemos que todo conflito bélico impõe sacrifícios econômicos como, por exemplo, o corte de supérfluos, esforço necessário para garantir mais recursos para o campo de batalha. Contudo, pelo o que se verifica, no decorrer da Guerra da Secessão (1861-1865), o café não era compreendido como um item de segunda classe, já que o fluxo comercial entre Brasil e Estados Unidos não foi interrompido. Sobre a conjuntura, Steven Topik faz a seguinte menção:

[...] o exército do norte passou a reconhecer o café como uma necessidade militar. (O café sempre foi mais popular no norte do que no sul, provavelmente por causa do clima, da origem e do número distinto de imigrantes europeus nas duas áreas.). Enquanto o rum, e não o café, foi racionado durante a Guerra Revolucionária, o café tornou-se uma parte importante da ração de cada soldado na época da Guerra Civil, quando recebiam um décimo de libra por dia para consumo diário⁶. (TOPIK, 2009, p. 97)

A dependência do Brasil para com o café, no decorrer de boa parte do século XIX, exigiu, por parte das suas lideranças políticas, muita atenção com os seus principais compradores. A estratégia utilizada foi a “participação intensa e repetida em feiras comerciais e industriais nas principais capitais europeias (e também em algumas ‘exposições universais’)”. (ALMEIDA, 2001, p. 74). Vejamos os números do Império nos eventos realizados a partir da segunda metade do século XIX:

⁶ Texto original: “[...] the northern army came to recognize coffee [as a military necessity]. (Coffee drinking had always been more popular in the north than the south, probably because of climate, and the different origin and number of European immigrants in the two areas.) Whereas rum, not coffee, was rationed during the Revolutionary War, coffee became an important part of each soldier’s ration by the time of the Civil War, when they were given one-tenth of a pound a day”.

Tabela 1 – Gastos para a montagem das representações brasileiras⁷

Ano da Exposição		Gastos para a montagem das representações brasileiras ⁷		N° de Expositores		Orçamento ^(f)
Nacional	Internacional	Cidade	Público visitante ^(a)	Brasileiros	Totais ^(a)	
1861	1862	Londres	6.211,103	230 ^(b)	28.653	77:084\$420
1866	1867	Paris	11.000,000	684 ^(c)	43.217	328:559\$598
1873	1873	Viena	7.254,687	(d)	25.760	343:653\$428
1875	1876	Filadélfia	10.165,000	1104 ^(e)	60.000	501:009\$189
1881	1882	Buenos Aires				160:000\$000

Fonte: Do autor

As diferenças orçamentárias oferecem um excelente ponto de partida para compreendermos os interesses do Império do Brasil. Analisando os gastos, do ponto de vista absoluto, verifica-se que a delegação enviada para a cidade da Filadélfia, em 1876, foi a que mais obteve apoio governamental. E foi para lá que enviamos o maior número de expositores nacionais e, um dado não menos importante, foi a única que teve a presença de Pedro II em suas dependências. Sendo o mercado norte-americano o nosso maior comprador de café no período, nada mais óbvio do que enviar para lá o que havia de melhor e mais significativo em nosso país.

A viagem do Imperador ao nosso vizinho do norte é presença certa nos textos que abordam a temática das exposições universais. Acontecimentos como o seu comparecimento à abertura do evento ao lado do presidente norte-americano Ulysses Grant (1869-1877), ou o seu fascínio diante do telefone, aparelho inventado por Graham Bell, são amplamente conhecidos dos leitores que contemplam a temática. Os textos escritos por Sandra Pesavento, *Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal da Filadélfia de 1876*, e por Lilia Schwarcz, *As barbas do Imperador: D Pedro II, um monarca nos trópicos*, são exemplares nesta questão. Todavia, é possível avançarmos a partir da leitura da primeira autora.

Escrito em 1994, o artigo de Pesavento oferece uma perspectiva distinta com relação à presença do monarca em terras norte-americanas. Mencionando igualmente os tópicos anteriores, a autora, por sua vez, não deixou de lado a questão econômica em sua escrita. Mesmo não oferecendo mais detalhes – afinal o trabalho dialoga com a história cultural -, encontramos uma passagem importante, em nosso entendimento. Segundo a historiadora,

Sólidos interesses uniam os dois países, tendo em vista a comercialização do café e a Exposição era uma ótima oportunidade para tornar-se melhor conhecido do conjunto da população americana, que já consumia cerca de metade da produção brasileira [...] para os Estados Unidos, a grande questão dava-se em torno do café, identificando-se que a visita do imperador e o seu empenho na participação brasileira na *Centennial* dera novo impulso aos negócios entre os dois países [...]. (PESAVENTO, 1994, p. 163-164).

Mesmo que breve, o fragmento aponta para uma outra interpretação com relação à presença de Pedro II na Filadélfia. Aqui, encontramos o simbolismo e o pragmatismo somando forças em prol

⁷ (a) PLUM, 1979, p. 61.; (b) LONDON INTERNATIONAL EXHIBITION, 1862, p.112.; (c) BRASIL, 1867, p. 124.; (d) BRASIL, 1876. Não há informação sobre o número de expositores enviados.; (e) BRAZIL, 1876, p. 15-123.; (f) BIBLIOTECA da Associação Industrial do Rio de Janeiro, 1882, p. XIV-XV.

da nação.

A perspectiva oferecida não encontrou eco em importante obra do final da década de 1990. Publicado em 1998 pela pesquisadora Lília M. Schwarcz, o capítulo *Exposições universais: festas do trabalho, festas do progresso*, pertencente à obra já citada, retoma a leitura simbólica sobre a ida do imperador aos Estados Unidos. Vale lembrar que não há menção nas referências bibliográficas ao texto produzido por Sandra Pesavento anos antes. Vejamos a opinião de Schwarcz sobre o assunto:

o Império investia nas exposições não pensando em seu retorno imediato, mas antes na propaganda e na visibilidade que propiciavam. [...] Na verdade, a presença constante do Brasil diz muito do esforço do imperador e das elites da corte para veicular uma imagem diversa desse país distante, agrícola, monárquico e escravocrata mas que queria se ver representado como uma nação moderna e cosmopolita. [...] o empenho pessoal do monarca na realização dos estandes brasileiros fala da preocupação com a boa costura da imagem externa da monarquia exótica e única do território americano [...] a intenção era mostrar a civilização aliada aos trópicos [...] o país da grande natureza e dos 'bons selvagens'. (SCHWARCZ, 1998, p. 394 e 397).

É de se questionar alguns pontos no excerto acima. Como que, para uma economia frágil e altamente dependente do mercado externo como a do Império, não seria desejoso retornos imediatos para equilibrar as suas contas? O esforço de Pedro II em demonstrar que o Brasil buscava a sua modernização é outro problema. Afinal, como ser moderno na era das máquinas, quando os elementos que impulsionavam as exportações eram *commodities*? Por fim, até que ponto uma boa imagem era necessária, quando a busca por novos contratos era a tônica das exposições?

Com relação à última indagação há um outro artigo que oferece uma excelente resposta para nós. Publicado no ano de 2009, *A Modern Monarch: D. Pedro II's Visit to the United State in 1876*, da historiadora Teresa Cribelli, revela o entendimento dos anfitriões sobre o nosso país às vésperas do grande encontro. A contribuição oferecida por Cribelli é de suma importância para a ideia que desenvolvemos, qual seja: foi o café que pautou os interesses nacionais nos grandes eventos mundo afora, em especial, nas exposições universais. Assim, tendo como ponto de partida os periódicos estadunidenses, a autora afirma que:

Os primeiros artigos sobre Dom Pedro e o Brasil apareceram nos jornais dos EUA em 1875, quando as notícias de sua iminente visita foram divulgadas. Não foi a tecnologia brasileira que interessou os americanos, mas sim o comércio brasileiro. Fica claro que nos artigos iniciais, os EUA estavam dispostos a estabelecer e incrementar suas relações comerciais com o Brasil às custas dos britânicos⁸. (CRIBELLI, 2009, p. 237).

Fica claro que foi o pragmatismo que pautou as ações envolvendo os interesses entre brasileiros e norte-americanos; assim como fica claro também que o desenvolvimento tecnológico era incipiente no interior do Império. Longe de defendermos o discurso que prega a hegemonia das relações econômicas sobre as demais esferas da vida, acreditamos que a ida do representante máximo da política brasileira ao nosso principal mercado comprador de café não se tratou de uma mera casualidade. Assim sendo, nossa opinião converge para o que Sandra Pesavento e Teresa Cribelli expuseram em seus trabalhos.

Priorizar a preocupação com a imagem do país no exterior deixando de lado a cobertura sob a perspectiva econômica desta visita do imperador é, em nosso entendimento, um exercício incompleto de análise. Se as exposições representavam o discurso em prol da mecanização das atividades fabris, onde os ideários de civilização e progresso contribuíam para configurar o novo mapa geopolítico que se desenhava a partir do avanço europeu sobre os continentes africano e

⁸ Texto original: "The first articles about Dom Pedro and Brazil appeared in U.S. newspapers in 1875, once the news broke of his impending visit. **It wasn't Brazilian technology that interested the Americans, however, but rather Brazilian trade.** It is clear from these early articles that **U.S. business interests wanted to establish and increase new trading relations with Brazil** at the expense of the British". Tradução livre. Grifo nosso.

asiático, na passagem do século XIX para o XX, surge aqui uma indagação: como construir a imagem de uma nação moderna quando carecíamos de elementos para este discurso?

Exposición Continental de Buenos Aires: para além de uma feira, um projeto político em construção

Ao contrário da exposição da Filadélfia, onde houve o cuidado com a publicação de relatórios e catálogos por parte do Brasil, o mesmo não foi observado no que diz respeito ao evento organizado pelos argentinos em 1882. Nos arquivos brasileiros, em especial na Biblioteca Nacional, foram encontrados alguns registros pertinentes à questão. Contudo, em nenhum deles foi possível identificar, por exemplo, a quantidade de representantes brasileiros e seus produtos embarcados para Buenos Aires; como também um panorama geral sobre o desenvolvimento fabril dos envolvidos, algo que podemos verificar nos *Archivos da Exposição da Industria Nacional, de 1881*⁹, sediada na capital do Brasil.

Os textos confeccionados pelos representantes brasileiros foram Confederação Argentina e Brazil: colonização, industria pastoril, agricultura e engenho centraes. Por ocasião da Exposição Continental de Buenos-Ayres, de Santos Barreto, e O Brazil em Buenos-Aires : conferencia effectuada em 30 de Abril de 1882, de José Pereira do Rego Filho. No que concerne à primeira obra, o seu título antecipa o teor de suas páginas: há, por parte do seu autor, a tarefa de construir uma imagem positiva do Brasil como destino para a mão de obra estrangeira, elemento essencial para promover a agricultura e, também, o tão sonhado embranquecimento do Império. Ao que parece, para os nossos intelectuais à época, o passado não jogava contra as pretensões futuras do país. Como nos lembra Barreto, “nosso trabalho escravo é na verdade um obstaculo á direção favoravel desse movimento, mas não o é tão importante como parece”. (BARRETO, 1882, p. 23. Grifo do original).

Os mais de três séculos de tráfico negreiro, ao que tudo indica, não incomodavam o representante brasileiro, mesmo o seu país ainda sustentando o trabalho compulsório de maneira solitária na porção sul do continente americano e sendo um grande empecilho à formação de um mercado consumidor. Experiência esta que ganhava cada vez mais importância para o nosso vizinho do norte, os Estados Unidos.

Já a segunda obra, mesmo não tendo em sua capa nenhuma menção ao mundo agrário, o que poderia gerar certa curiosidade no leitor, segue o mesmo caminho, ou seja, trabalha essencialmente com questões ligadas à terra: informa sobre a produção do café, do algodão, do açúcar, da borracha, do cacau, do guaraná e do mate. Além disto, encontramos dados sobre os meios de transporte (ferrovias e carris urbanos), o volume de exportação das *commodities* mencionadas, a opinião sobre alguns manufaturados (chapéus, velas e calçados) e números sobre a utilização de mulheres e crianças nas fábricas pelo mundo.

Até então, este conjunto de informações, nada excepcional, visava oferecer ao leitor à época um panorama do Império do Brasil, algo comum quando nos deparamos com os catálogos confeccionados para as exposições. Todavia, uma passagem rompe com a normalidade da publicação. O tema em questão é o papel do Estado na condução da vida econômica. Vejamos o que pensava Rego Filho:

[...] senhores, penso que os governos devem amparar as industrias que tem razão de sêr, agricolas ou fabris; é este o seu devêr, porque assim cumpre sêr pelo interesse transcendendo das nações novas que levantam-se no campo do progresso humano. As industrias nascentes, empregando meios defficientes e operarios pouco adestrados, não podem competir com os productos estrangeiros; entao ha o devêr, que a mesma natureza impõe, de igualarmos as

⁹ Coube à exposição de 1881 a responsabilidade por selecionar os principais produtos nacionais que iriam representar o país em solo argentino. Vale lembrar que nem todos os indicados embarcaram para Buenos Aires, ou seja, o país não expôs o que tinha de melhor em sua economia na festa organizada pelo nosso vizinho.

nossas forças no mercado, devêr também estabelecido pela magnitude dos interesses positivos, que alarga e assegura em benefícios da sociedade em geral. Protegêr a indústria, é uma necessidade vital [...]. (REGO FILHO, 1882, p. 18).

A passagem evidencia a necessidade de uma política protecionista, sem a qual a incipiente indústria nacional não conseguiria florescer. A questão, que estava na pauta dos principais setores econômicos, ressaltava um problema: como conciliar os interesses de agricultores e industriais, quando os mesmos possuíam entendimentos distintos em relação à abertura de mercado, por exemplo?

Assim, se as exposições ofereceram um espaço privilegiado para o surgimento de novas tendências de consumo e tecnologia, buscando também incrementar as trocas entre os países, não seria contraditório defender barreiras tarifárias em seu interior? Como nos lembra Eric Hobsbawm, a “economia capitalista era, e só podia ser, mundial [...]. Ademais, essa economia não reconhecia fronteiras, pois funcionava melhor quando nada interferia no livre movimento dos fatores de produção” (HOBBSAWM, 2014, p. 69).

No tocante à proteção de seu comércio, o país já havia conseguido, em pouco tempo, elaborar um total de oito medidas entre as décadas de 1840 e 1880 visando a evolução da manufatura nacional (VILLELA, 1993, p. 180). Contrastadas “com as de outros países, as tarifas brasileiras revelam um patamar médio claramente exagerado que, por certo, conferiu proteção à produção industrial doméstica” (VILLELA, 1993, p. 167). Portanto, acreditamos que o problema brasileiro não estava na necessidade de estabelecer novas e maiores tarifas, mas sim na ausência de um mercado consumidor capaz de fornecer as bases necessárias o surgimento da indústria em nosso território.

Por fim, temos o acervo fotográfico produzido por Samuel Boote intitulado *Exposição Continental de Buenos Aires 1882-Seção Brasileira*. Composto por um total de 24 fotografias, que não sabemos se é do total ou de parte da delegação enviada, o trabalho oferece imagens diversificadas como itens enviados e alguns espaços destinados aos produtos brasileiros como, por exemplo, sacas de café e alguns carros confeccionados pela *Companhia de Carris Urbanos*. Fora isto, não há informações que permitam avançarmos sobre os envolvidos.

Com respeito à bibliografia argentina, não encontramos nenhum catálogo ou relatório informando sobre a delegação e os produtos que representaram o país sede. O que verificamos foi a existência de capítulos ou artigos que mencionavam, entre outras coisas, a exposição. Mesmo com esta aparente dificuldade, foi possível, a partir dos registros obtidos, contrastar a política adotada pelo Império do Brasil nos dois eventos. Contudo, para a nossa sorte, a digitalização dos periódicos sob a guarda da Biblioteca Nacional possibilitou, em certa medida, avançarmos em alguns aspectos, como será visto a seguir.

A década de 1880 marca o início do *take off* da República Argentina. O acesso a terras férteis, o fluxo migratório e a expansão das linhas férreas foram elementos essenciais para promover o principal setor econômico do Estado: o agropecuário. Este último, por exemplo, foi responsável pela inclusão de novas regiões do país no circuito exportador. Todavia, a busca por um entendimento mais amplo das transformações por parte dos agentes internacionais exigiu, por parte das lideranças argentinas, a construção de canais de diálogos com os principais centros do hemisfério norte. Traçava-se, assim, um grande projeto geopolítico que visava retirar o país de “uma posição marginal e a de convertê-lo em uma promessa destinada a ocupar na América do Sul o lugar dos Estados Unidos na América do Norte”¹⁰. (ROCCHI, 2000, p. 19)

Do ponto de vista dos anfitriões, sediar um *meeting* que ultrapassasse as fronteiras da América do Sul seria importantíssimo na divulgação do país. Se o campo construía a visão de grande celeiro do mundo, as transformações nas esferas jurídica e administrativa proporcionavam

¹⁰ Texto original: “[...] una posición marginal [y] a convertirse en una promesa destinada a ocupar en América del Sur el lugar que los Estados Unidos en América del Norte”.

modernização e inserção no comércio global. Assim, como parte deste ambicioso projeto, em 1882, sob a presidência de Julio Argentino Roca, inaugurava-se a *Exposición Continental de Buenos Aires*. Sobre o acontecimento, Patricia Dosio fez o seguinte comentário:

A Exposição Continental foi uma ferramenta não apenas para condicionar a imagem, fosse ela interior e exterior, como também um evento que buscou vincular geografias ao novo mapa internacional, marcado pela intensa circulação; além de ser uma força convocatória do sentimento nacional¹¹. (DOSIO, 1998, p. 15).

Como mencionado na primeira seção, as exposições atuavam não apenas na divulgação da produção dos países convidados, como também serviam como entretenimento para a população que visitava os pavilhões. Não diferentemente dos eventos citados anteriormente, a *Exposición Continental de Buenos Aires* foi um sucesso de público. Sobre as cifras, encontramos diferenças quando recorremos a dois autores. Com base nos dados oferecidos pelo periódico *La Nación*, Juan Carlos de Grassi cita um total de mais de 260 mil visitantes entre os meses de março e junho (2011, p. 102). Por sua vez, Carmen Teresa Eiras quantifica em aproximadamente 500 mil o público que circulou pelos mesmos pavilhões (1986, p. 231).

Divergências à parte, podemos dizer que a população local abraçou o evento, divertiu-se e teve a oportunidade de verificar o que de mais moderno o mundo produzia à época. Porém, acontecimentos desta relevância não estavam imunes a problemas internos entre os seus participantes. Por vezes, o desejo e a realidade econômica não convergiam. Um belo exemplo desta situação foi proporcionado pelo Império do Brasil.

Como vimos anteriormente, o café foi a estrela principal do Brasil na exposição ocorrida na cidade norte-americana da Filadélfia, no ano de 1876. Vimos também que os gastos destinados, em termos absolutos, foram os mais vultuosos até então. Na década seguinte, em 1882, a participação nacional na capital argentina foi, no mínimo, discreta. Por que a pouca atenção com o nosso principal vizinho? Por que uma viagem bem menos desgastante não estimulou Pedro II a comparecer em Buenos Aires?

O pragmatismo andava de mãos dadas com os negócios, maximizar os ganhos era a palavra chave para os envolvidos nos grandes encontros internacionais. Partindo desta premissa, as indagações anteriores podem ser respondidas satisfatoriamente. Quando recorremos aos números relativos ao café brasileiro, temos a ideia da insignificância do consumo do mesmo pelos rio-platenses. Na clássica obra *História do Café no Brasil*, de Affonso de E. Taunay, em especial o volume 6, verifica-se que os mercados norte-americano e europeu respondiam por praticamente 100% das importações do nosso produto. Para o primeiro quinquênio da década de 1880, coube aos estadunidenses abocanharem, em média, 57,4% dos nossos grãos (TAUNAY, 1950, p. 254-5). Cenário oposto é encontrado quando observamos a movimentação das exportações para argentinos e uruguaios, em especial. Recorrendo aos *Mappas Estatísticos do Comercio e Navegação*, para o biênio 1881-82, temos a noção das diferenças envolvidas.

Tabela 2 – Vendas de café no período 1881-82

País consumidor	Quantidade de café (Kg)	Valor Arrecadado
EUA	144.928.302	49.443:746\$166
Alemanha	26.372.369	10.293:456\$560
França	21.363.105	7.586:832\$038
Bélgica	8.153.630	3.104:719\$540
Uruguai	1.758.786	601:524\$944
Argentina	1.312.510	460:806\$766
Chile	212.028	74:791\$688

¹¹ Texto original: “La Exposición Continental fue una herramienta no solo para acondicionar la imagen exterior sino también la imagen interior; fue un evento que pretendió vincular geografías en el nuevo mapa de flujos y reflujos, internacionales, y una fuerza convocante de lo nacional”.

País consumidor	Quantidade de café (Kg)	Valor Arrecadado
Paraguai	80	31\$116

Fonte: BRASIL, ALFÂNDEGA DO RIO DE JANEIRO, 1883, p. 8-10.

Os números apresentados acima dão, ao mesmo tempo, a importância e a irrelevância dos consumidores do café brasileiro. Deixando de lado os maiores polos importadores, todos localizados no hemisfério norte, verifica-se a centralidade exercida pelo Uruguai na economia do Cone Sul. Se para o Império do Brasil o porto de Montevideu recebia as maiores quantidades de nossa principal *commodity*, para os argentinos eram os uruguaios, quando comparados com os brasileiros, que possuíam maior presença em sua pauta de importação. Vejamos as cifras que englobam o período entre as décadas de 1870 e 1880.

Tabela 3 – Participação de Brasil e Uruguai nas importações argentinas

Procedência	1876 %	1877 %	1878 %	1879 %	1880 %	1881 %	1882 %	1883 %
Brasil	6,1	6,3	5,0	5,0	5,3	4,8	3,5	2,7
Uruguai	5,1	7,7	4,7	4,7	7,1	5,8	4,7	5,5

Fonte: ARGENTINA, 1884, p. XII.

Acreditamos que os valores apresentados tenham influenciado decisivamente na presença brasileira em Buenos Aires. Seguindo a lógica aqui estabelecida, não faria sentido, por exemplo, enviar um contingente significativo, como também ocupar um espaço expressivo para abrigar os representantes nacionais e seus respectivos produtos. Certo? Para parte da opinião pública, em especial a imprensa, a resposta era não. Na edição do dia 26 de novembro de 1881, o importante periódico carioca *Jornal do Commercio* estampava em suas páginas o seguinte juízo:

A parte esquerda da fachada principal é destinada exclusivamente para a capital da República Argentina [...]. A fachada posterior do edifício e que dá para a rua da Piedade é destinada, de um lado, para a República Oriental, Chile, Colombia [...] de outro, para Italia, Hespanha, America do Norte, Belgica, Austria, Suissa e Brazil, onde nos reservão o espaço de uns vinte por lado! Para os quatrocentos metros quadrados, que nos reserva a República Argentina [...]. **Não sei que idéia se faz na República Argentina da nossa industria [...]. O Brazil com sua duzia de milhões de habitantes e a República Oriental, cuja população é menor do que a da capital do Império, têm o mesmo espaço para as suas respectivas exposições!** (*Jornal do Commercio*¹², 16 nov. 1881, p. 1. Grifo nosso).

A indignação por parte do redator não condizia com a realidade do período, basta recorrermos aos dados oferecidos anteriormente pelo fluxo comercial entre as praças comerciais. Nota-se que, no fragmento, a ideia de grandeza surge pela literalidade, ou seja, as dimensões territorial e demográfica seriam, por si só, mais que suficientes para garantirem um lugar de destaque para o Império do Brasil. Pelo que constatamos, a metragem oferecida aos participantes obedecia a outros critérios.

Entre os anos de 1876 e 1882, o país vivenciou experiências díspares com relação à presença em eventos como as exposições internacionais. Se às margens do Rio da Prata houve insatisfação com o nosso protagonismo, isto talvez tenha sido criado pela experiência oposta, construída anos antes em terras norte-americanas. Por lá, a energia dispendida foi muito maior, o café exigiu esforços de todas as esferas, fato que não ocorreu com a mesma intensidade em nosso vizinho do sul. Sobre a questão, Jens Andermann destaca que “Os brasileiros, após uma intensa campanha e auxiliados pela presença do próprio imperador Dom Pedro II [...] conseguiram obter uma localização mais prestigiosa que seus vizinhos sul-americanos, renegados ao extremo oposto com o Japão e a China”¹³ (ANDERMANN, 2008, p. 194).

¹² Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/4458. Acesso em: 30 jan. 2020.

¹³ Texto original: “Los brasileños, tras una campaña intensa de presión y ayudados por la presencia del proprio Emperador

Pelo que se verifica, o prestígio não era fruto apenas da exibição dos produtos confeccionados pelos expositores, mas também era mensurado pela localização no interior dos pavilhões. Assim, a cada evento internacional, a depender do país sede e dos seus interesses geopolíticos em um dado momento, a distribuição e o tamanho dos estandes poderiam variar radicalmente de exposição para exposição.

Com relação à exposição de 1876, graças ao processo de digitalização, foi possível obter com precisão a localização das instalações do nosso país. Nas páginas da publicação intitulada *Official Catalogue of the U.S. International Exhibition 1876*, encontramos a distribuição dos convidados no interior do *Main Exhibition Building*. Como mencionado anteriormente por Jens Andermann, os esforços imperiais garantiram aos nossos expositores ficarem em frente aos anfitriões. Não estávamos sozinhos neste arranjo, um pequeno número de países dividiu, igualmente, este privilégio com o Brasil (UNITED STATES, 1876, p. 26). Esta proximidade deu, seguramente, aos nossos representantes, uma excepcional divulgação dos seus itens. O grande fluxo de visitantes circulando poderia, por exemplo, conhecer ao mesmo tempo o telefone de Graham Bell e experimentar um bom café oriundo das fazendas brasileiras.

Já com relação a Buenos Aires, há pouca informação no que tange à disposição dos países no interior da exposição, ao contrário do que ocorrera anos antes na Filadélfia. Pois bem, se em solo norte-americano houve comemoração por estarmos em frente ao anfitrião, uma potência industrial emergente ao final do século XIX, o mesmo não se sucedeu na *Exposición Continental* de 1882. Com bases nos relatos dos nacionais envolvidos, o comentário é bem curioso, a saber:

[...] já tínhamos uma indústria mecânica, mas em Buenos Aires as avaliações sobre este aspecto da Seção Brasileira serão modestas, até por que ela, se teve a boa sorte de situar ao lado do Paraguai, teve a má sorte de se colocar frente às máquinas inglesas [...]. (WERNECK, 1992, vol. 2, p. 44).

A passagem, contendo ironia e realismo ao mesmo tempo, revela, sem sombra de dúvidas, como a disposição dos estandes era vital para os convidados envolvidos neste jogo entre as economias internacionais. Se havia vantagens diante dos paraguaios, o mesmo não podíamos dizer com relação aos ingleses. No que diz respeito ao que foi enviado para Buenos Aires, o *Jornal do Commercio* oferece a lista de alguns dos premiados. Vejamos alguns dos brasileiros contemplados com a honraria máxima em 1882.

Tabela 4 – Brasileiros premiados em Buenos Aires (1882)

Expositor	Produto	Buenos Aires 1882
Oficina de Telegrafos	Aparelhos	Medalha de Ouro
Jose Hermida Pazos	Instrumentos de precisão	Medalha de Ouro
Luis F.de Saldanha da Gama	Bússola	Medalha de Ouro
Ramiz Galvão	Catálogo Expo. de História do Brasil	Medalha de Ouro
Julio da Silva Anachoreta	Papel pintados	Medalha de Ouro
Cia Agrícola de Campos	Açúcar	Medalha de Ouro
José Hancox	Cerâmica	Medalha de Ouro
São João de Ypanema	Fundições	Medalha de Ouro
Império do Brazil	Café	Medalha de Ouro

Fonte: *Jornal do Commercio*, 03 ago. 1885, p. 1.¹⁴

Pelo que se observa, nossa indústria era bem modesta, os produtos laureados não possibilitavam ao país uma efetiva projeção na conjuntura que se desenhava no último quartel do século XIX, excetuando o já mencionado café. Se do ponto de vista global muitos expositores

Don Pedro II [...] habían logrado obtener una ubicación mucho más prestigiosa que sus vecinos sudamericanos, relegados al extremo opuesto con el Japón y la China". Tradução livre.

¹⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/13409. Acesso em: 30 jan. 2020.

brasileiros permaneceram no anonimato, o mesmo não podemos dizer sobre o ponto de vista local.

Figurar no rol dos premiados tinha algumas boas vantagens, afinal, a conquista de medalhas pelos enviados representaria uma excelente propaganda, permitindo revelar suas “conquistas e avanços científicos, tecnológicos e culturais” (FREITAS FILHO, 2011, p. 144). Isto pode ser observado em um anúncio no *Jornal do Commercio* de 1 de dezembro de 1882:

Imagem 1 – Grande premio: medalha de ouro obtida na exposição continental de Buenos-Ayres



Fonte: *Jornal do Commercio*, 01 dez. 1882, p.5.¹⁵

O Brasil na periferia do capitalismo

Vitrines do capitalismo mundial, as grandes exposições internacionais foram palco de tendências e enchiam os olhos do público que lotava diariamente seus galpões, revelando o que de melhor se produzia em diferentes territórios. Como expressamos anteriormente neste trabalho, essas reuniões globais foram importantes para evidenciar as diferenças tecnológicas e a posição dos países participantes como players na divisão internacional do trabalho que se desenhou a partir da segunda metade do século XIX. Enquanto ingleses, franceses, belgas, alemães e norte-americanos apresentavam suas inovações nos campos da siderurgia, mecânica, química ou comunicação, a grande maioria das economias, como a argentina e a brasileira, consolidava sua posição na hierarquia capitalista como fornecedora de produtos de origem animal e/ou vegetal para o mundo industrializado.

Como destacado nas páginas anteriores, o café foi o elemento direcionador dos interesses internacionais do Império do Brasil. Para além das suas vendas intermediadas pelos representantes estrangeiros sediados em nosso país, a participação nos eventos mundiais contribuiu, seguramente, para ampliar ainda mais o consumo da bebida pelo globo.

Os esforços para o envio dos representantes nacionais não foram realizados de maneira similar. A comparação entre as cidades da Filadélfia e Buenos Aires é um bom exemplo da questão. Os maiores esforços – político e econômico – depreendidos para a primeira sede não foram casuais, mas sim, um claro reflexo da busca de um estreitamento comercial entre os dois mercados: o norte-americano e o brasileiro. Já com o nosso vizinho sul-americano, o que verificamos foi o oposto. Não sendo um grande comprador da nossa principal fonte de recursos, o café, o empenho demonstrado pelo governo imperial não foi o mesmo. Um bom exemplo disto é quando comparamos os gastos

¹⁵ Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/6957. Acesso em: 30 jan. 2020.

envolvidos para a sua participação nas exposições ocorridas a partir da década de 1850.

Motivo de orgulho para a elite política imperial nos eventos em que representou o país no exterior, a nossa principal commodity era um supérfluo à mesa dos grandes consumidores do hemisfério norte. Mesmo com essa fragilidade, a bebida foi, indiscutivelmente, essencial para as finanças do Império, como também para a construção da nossa singularidade na era das máquinas e das exposições.

Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto. *Formação da Diplomacia Econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais no império*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Brasília: FUNAG, 2001.

ANDERMANN, Jens. Contienda de valores: Argentina y Brasil en la edad de las exposiciones. *Cuadernos de Literatura*, Bogotá, v. 13, n° 25, p. 190-224, jul.-dec. 2008.

ARGENTINA. *Estadística del Comercio y de la Navegación de la República Argentina correspondiente al año 1883*. Buenos Aires: Litografía, Imprenta y Encuadernación de STILLER & LAASS, 1884.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL, RIO DE JANEIRO. *Archivos da Exposição da Industria Nacional*. Actas, pareceres e decisões do Jury Geral da Exposição da Industria Nacional realizada no Rio de Janeiro em 1881. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/4/browse?value=Exposi%C3%A7%C3%A3o+da+Industria+Nacional+%281881+%3A+Rio+de+Janeiro%29&type=author>. Acesso em: 03 mar. 2020.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade-exposição – Comércio e Cosmopolitismo Em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BARRETO, M.P dos Santos. *Confederação Argentina e Brazil: colonização, industria pastoril, agricultura e engenho centraes*. Por ocasião da Exposição Continental de Buenos-Ayres. Rio de Janeiro: Typ. e lith. a vapor, encadernação e livraria Lombaerts & C., 1882.

BRASIL, ALFÂNDEGA DO RIO DE JANEIRO. *Mappas Estatísticos do Commercio e Navegação do Porto do Rio de Janeiro*. Exercício 1881-1882. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

BRASIL. *Exposição Internacional de Vienna d’Austria em 1873*. Catalogos dos productos naturaes e industriaes do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Typ. do Imperial Instituto Artistico, 1876.

BRASIL. *O Império do Brazil na Exposição Universal de 1867 em Paris*. Rio de Janeiro, Typ. Universal de Lammert, 1867. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242455>. Acesso em: 03 mar. 2020.

BRAZIL. *Catalogue of the Brazilian Section*. Philadelphia International Exhibition 1876. Philadelphia: Press of Hallowell & Co., 1876. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924019970627/page/n21/mode/2up>. Acesso em: 03 mar. 2020.

CRIBELLI, Teresa. A Modern Monarch: Dom Pedro II’s Visit to the United States in 1876. *Journal of The Historical Society*, New Jersey, vol. 9, p. 223–254, June 2009.

DOSIO, Patricia. *Una estrategia del poder: la Exposición Continental de 1882*. Buenos Aires: Universidad: Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas, c1998 Serie (Hipótesis y discusiones; 15).

EIRAS, Carmen Teresa. “La Exposicion Continental de 1882: un panorama económico”. *Separata del. Cuarto Congreso Nacional y Regional de Historia Argentina*, tomo 141. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1986.

- GRASSI, Juan Carlos. *Una historia del progreso argentino: crónicas ilustradas de las exposiciones y congresos en la Argentina, siglos XIX-XX*. Buenos Aires: Férias & Congresos, 2011.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios, 1871-1914*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- JORNAL DO COMMERCIO, 01 de jan. 1882. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/6957. Acesso em 30 jan. 2020.
- JORNAL DO COMMERCIO, 03 de ago. 1885. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/13409. Acesso em 30 jan. 2020.
- JORNAL DO COMMERCIO, 16 de nov. 1881. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/4458. Acesso em: 30 jan. 2020.
- LONDON INTERNATIONAL EXHIBITION. The Industrial Exhibition of 1862. The Illustrated Catalogue of the Industrial Department. British Divison, vol. 1. London: Printed for Her Majesty's Commissioners, 1862. Disponível em: <https://archive.org/details/internationalexh01lond/page/n10/mode/2up>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *As exposições universais*. Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, n° 1, p. 151-168, 1994.
- PLUM, Werner. *Exposições mundiais no século XIX: espetáculos da transformação sócio-cultural*. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979.
- REGO FILHO, José Pereira. *O Brazil em Buenos-Ayres: conferencia effectuada em 30 de Abril de 1882 no Palacio da Exposição Continental de Buenos-Ayres*. Rio de Janeiro: Typ. da Escola de Serafim José Alves, 1882.
- ROCCHI, Fernando. El péndulo de la riqueza: la economía argentina en el período de 1880-1916. In: LOBATO, Mirta Zaida. *El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000, p. 15-71. (Nueva Historia Argentina, v. 5).
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, José Luiz Werneck da. *As arenas pacíficas do progresso*. Niterói, 1992, 615f., Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense.
- TAUNAY, Afonso d'Escragolle. *História do Café no Brasil – vol. 6. No Brasil Imperial 1872-1889*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1950.
- TOPIK, Steven. Coffee as a Social Drug. *Cultural Critique*, Minnesota, v. 71, n. 1, p. 81-106, 2009.
- UNITED STATES. Official Catalogue of the U.S. International Exhibition 1876. Philadelphia [Pa.]: Published by John R. Nagle and Co., 1876. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/100202944>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- VILLELA, André Arruda. *Política comercial e importações na Primeira República: 1889-1930*. Rio de Janeiro, 1993, 228 f., Dissertação (mestrado). PUC-RJ. Departamento de Economia. 1993.
- VITTORETTO, Bruno Novelino. A conformação da Zona da Mata no mercado mundial de café no

século XIX. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*. Juiz de Fora, v. 5, n. 9, p. 67-91, jul./dez. 2010.

VOLPI, Maria Cristina. The Exotic West: The Circuit of Carioca Featherwork in the Nineteenth Century. *Fashion Theory*, London, v. 20, n. 2, p. 127-51, 2016.

Notas de autoria

Marcus Vinicius Kelli é doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), e Licenciado em História pela UFRJ. É Mediador Presencial no curso de licenciatura em História na modalidade semipresencial (EAD) vinculado à UNIRIO. Atuou como Tutor de História no Pré-Vestibular Social (PVS/CECERJ). Pesquisa História Econômica da cidade Rio de Janeiro (século XIX), Exposições Universais, Desenvolvimento do Transporte terrestre nas grandes cidades (século XIX), Consumo/Produção; 2ª Revolução Industrial. E-mail: marcus_vinicius1@hotmail.com.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

KELLI, Marcus Vinicius, Duas exposições, dois objetivos. A participação do Império do Brasil nas exposições da Filadélfia (1876) e de Buenos Aires (1882). *Sæculum – Revista de História*, v. 25, n. 42, p. 105-120, 2020.

Contribuição de autoria

Não se aplica

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 22/02/2020.

Modificações solicitadas em 27/04/2020.

Aprovado em 02/06/2020.